

## A ação anti-Covas

É óbvio que Sarney e Ulysses concertaram um amplo entendimento político em torno do presente e do futuro e não haveria sentido na aceitação pelo presidente do PMDB do mandato de cinco anos. Existe o entendimento, que se consolida em torno do mandato de cinco anos para o atual Presidente da República e da sucessão presidencial, que tem no político paulista um forte candidato no PMDB.

No Congresso e na Constituinte é fácil verificar os resultados desse acordo entre o Presidente da República e o presidente do PMDB. Ulysses trabalha em estreito entendimento com o líder do Governo, Carlos Sant'Anna, utilizando os líderes das bancadas do seu partido no Senado e na Câmara, o senador Fernando Henrique Cardoso e o deputado Luiz Henrique.

O resultado dessa ação coordenada resultou na tentativa bem-sucedida de isolar o senador Mário Covas como líder de uma facção mais à esquerda. Como o senador Mário Covas manteve, desde sua eleição para líder do partido na Constituinte, uma posição de absoluta autonomia em relação a Ulysses, ele é uma carta fora do baralho, pelo menos para o presidente do PMDB e seus aliados no Congresso.

Covas tenta romper o isolamento apoiando o grupo que articulou a convocação da convenção nacional para meados de julho. E já discute com seus amigos e assessores um roteiro de viagens que o levará a alguns estados para uma mobilização das bases partidárias em favor dos compromissos históricos do PMDB e da tese do mandato de quatro anos.

A expectativa é de que a convenção aprofunde os conflitos ideológicos dentro do partido. A reunião de anteontem da executiva nacional serviu para mostrar isso através do áspero diálogo que mantiveram o senador Mário Covas e o deputado paranaense Euclides Scalco com o deputado paulista Roberto Cardoso Alves, este insistindo na total inconveniência da convenção para a unidade do partido.

O grupo ortodoxo quer pagar para ver. Como disse o deputado Euclides Scalco, o racha já existe, não será a convenção que o provocará. Os ortodoxos querem articular uma definição do partido sobre o mandato de Sarney e as questões capitais que estão sendo discutidas na Constituinte e que vão do direito de propriedade ao papel do Estado na economia e as reformas sociais.

Embora aliado dos conservadores, Ulysses procura não se identificar com esse grupo. Ele quer pairar acima das divergências ideológicas que explodiram no partido, sem se comprometer diretamente com uma ou outra facção, como era de seu estilo quando do conflito original entre autênticos e moderados, nos primórdios do antigo MDB.

Muitos observadores julgam que Ulysses não terá condições de conservar essa posição pendular quando o conflito ideológico que se verifica na Constituinte torna imperativas as definições. Mas, até agora, o habilidoso político paulista tem conseguido se equilibrar na corda bamba. A grande verdade é que ele conseguiu isolar o líder Mário Covas e seus companheiros, utilizando Luiz Henrique e Fernando Henrique Cardoso.

TARCISIO HOLANDA

## POLÍTICA

### ALÉM DA NOTÍCIA

## Cobranças virão

A grande imprensa brasileira está prometendo cobrar palavra por palavra os compromissos anunciados pelo presidente Sarney em sua entrevista coletiva. É uma oportunidade para o Presidente inverter essa descrença dos jornais: antecipar-se e prestar contas do que for cumprindo concretamente. O Presidente tem agora a iniciativa e pode mantê-la à base da competência e agilidade. Seria altamente proveitoso se os ministros também dessem entrevistas coletivas regulares para os repórteres de seus setores: alguns deles sequer conhecem as salas de imprensa de seus ministérios.

Sobre as críticas de que o presidente Sarney combinou antecipadamente as perguntas com os jornalistas credenciados no Planalto, esse fato, mesmo tendo ocorrido, não diminui a envergadura histórica da entrevista. Para encerrar o assunto, o presidente eleito Tancredo Neves cansou de usar esse recurso, nas suas entrevistas coletivas dadas aos jornalistas brasileiros e estrangeiros, durante sua viagem antes da quase posse.

Nem por isso — solicitando a jornalistas que fizessem tais e quais perguntas — Tancredo foi menos estadista. Perguntas não são impertinentes, mas sim as respostas.

### RAPHAEL MOSTRA SER PREVIDENTE

Tomando ao pé da letra o cargo de ministro da Previdência, o Sr. Raphael de Almeida Magalhães é previdente ao ponto de montar um esquema para permanecer no Governo desde uma perspectiva de mais três anos ou para mais seis meses, nesse último caso, se sobreviver o regime parlamentarista. Raphael, nessa hipótese, não estaria à vontade, se o primeiro-ministro vier a ser, por exemplo, o Sr. Mário Covas. Mas estará plenamente assegurado se o nome for o deputado Ulysses Guimarães. Nesse caso, poderia até mudar de área ministerial.

### UM NOVO PLANO DE CARREIRA

Quando voltar às atividades na Secretaria de Administração da Presidência, o ministro Aluizio Alves encontrará na sua mesa de trabalho a primeira minuta do novo plano de carreiras do servidor público brasileiro. É um esforço de perseverança de abnegados, como o professor José Maria Arantes, que assessoram o Ministro da Administração e tem encontrado não somente resistências ao projeto de mudar o perfil de dignidade do servidor público.

### DECANTAÇÃO EM MINAS

O governador José Aparecido de Oliveira vai completar seus exames clínicos em Belo Horizonte. Será uma oportunidade de ouro para o Governador decantar os rumos da reforma do secretariado, que ontem começou a imprimir, com a primeira reunião. Mas somente no começo de julho é que essa decantação estará madura, segundo afiançam pessoas próximas ao Governador. O clima de Minas Gerais curará a gripe e aclarará as dúvidas.